



SECRETARIA DA  
EDUCAÇÃO  
NÚCLEO TERRITORIAL - NTE 20



VITÓRIA DA CONQUISTA | ANO 05 - NÚMERO 14 | JUNHO DE 2018

# O LUGAR ONDE EU MORO

Cícero Nunes, 44 anos,  
vive no Povoado de Caiçara,  
há 20 anos trabalhando com  
a produção de tijolos  
Página 4





## Editorial

O Círculo Escolar de Cabeceira está desenvolvendo o Projeto “Conscientização Ambiental”. O objetivo é oportunizar por meio do conhecimento científico e do estudo da realidade, possíveis formas de preservação e proteção da natureza, fomentando no aluno uma visão crítica de suas ações perante o meio em que está inserido, promovendo uma mudança de atitude em relação ao uso dos recursos naturais e seu impacto no meio ambiente.

Estão inseridos no projeto: conhecer tipos de plantas e animais, estimular os alunos a serem multiplicadores dos conhecimentos sobre o meio ambiente em sua comunidade e demonstrar os impactos negativos e positivos da ação do homem no meio ambiente.

Nesse projeto foi possível trabalhar, nas turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, com a produção de textos como recurso para promover, no aluno, o desenvolvimento da escrita e da leitura crítica, fazendo-o entender sua importância como agente social transformador da realidade, e sua formação enquanto ser participativo em questões que lhe dizem respeito dentro e fora da escola. Ao promover a função social da escrita, a produção do jornal Eco Teens contribuiu com os processos de ensino-aprendizagem que a escola conduz, sobretudo com o letramento do aluno.

O projeto foi desenvolvido por todas as disciplinas.

### Agradecimentos:

- ✎ Agradecemos a Deus, por nos conceder a graça de realizar o projeto.
- ✎ Agradecemos aos gestores e coordenadores, que caminharam conosco ao longo desse período de preparação e construção do jornal.
- ✎ Aos professores, pelo excelente trabalho realizado com os alunos.
- ✎ Aos alunos, pelo empenho, dedicação e envolvimento com as atividades propostas.
- ✎ Aos funcionários da escola por todos os trabalhos prestados.
- ✎ Ao motorista Jean, do transporte escolar do CEI de Cabeceira.

### Expediente

#### Direção

Marizene Chagas Fiuza,  
Gilmar Moreno Santos Midlej  
Rosália Nascimento Barbosa

#### Coordenação Pedagógica

Jane Kátia A. B. do Prado  
Paula Fernandes O. Cavalcante

#### Secretaria

Andréia Tavares Cardoso e Maria Solange da C. Cordeiro

#### Agentes de Leitura

Maria Lourdes e Silva e Zeneide França Andrade

**Corpo Docente:** Angela Damasceno, Claudia Bomfim, Cristiane Andrade, Elenita Barbosa, Elisangela Fábila, Cristina Santos, Girlane Souza, Hugo Oliveira, Juarez Júnior, Karol Fernandes, Keila Campos, Luciene Maria, Dânia Pontes, Maria Dolores Sousa, Maria Coutinho, Maria Regina Bonfim, Raiane Souza, Telma Marinielo, Tirza Matos,

#### Ministério Público do Estado da Bahia

Promotora: Karina Cherubini  
Estagiária: Lunara M. Amaral  
Motorista: Antônio C. Neto

#### Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista

Prefeito: Hérzem Gusmão  
Vice-Prefeita: Irma Lemos

#### Secretaria de Educação - SMED

Secretária de Educação: Selma Oliveira  
Coord. do Núcleo Pedagógico: Dilvane Dias Chagas Cruz

#### Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Professor Doutor Rubens Sampaio  
Estagiário: Gabriel Oliveira Pires  
Estagiária: Isabella Costa Carvalho  
Estagiária: Gilcimara dos Santos Pereira

#### Fotografia e Coordenação do Projeto de CineArt

Valdomiro Batista Rocha Marques

#### APOIO:

Ministério Público do Estado da Bahia, secretarias municipais de Meio Ambiente, Comunicação e Educação, conselhos municipais de Meio Ambiente, de Acompanhamento do FUNDEB e de Educação e NTE 20.





Povoado de Caiçara

A extração de argila nas olarias pode ser definido como negativo e resulta da ação que induz o dano à qualidade de um fator ambiental. O desmatamento da vegetação nativa, a poluição do ar e do solo, os esgotos a céu aberto, a construção de moradias em locais inadequados, o aumento das cavas e a possibilidade de esgotamento da argila são exemplos.

Não existe mais vegetação nativa na área onde se explora a argila. Por isso, os oleiros compram lenha de outras localidades. Segundo o senhor Cícero, morador do povoado de Caiçara, quando tinham árvores nas proximidades, o custo da produção era bem menor.

Atualmente, a compra de madeira consome grande parte dos lucros da produção. Para a fabricação de cerca de 50 milheiros por semana são gastos, em média, 50 metros de lenha. Ou seja, são derrubadas e queimadas várias árvores do tipo surucucu para abastecer os fornos onde são queimados os tijolos.

Os fornos construídos de forma artesanal estão localizados a céu aberto e a fumaça resultante da queima é lançada livremente na atmosfera, durante várias horas (em alguns casos, de madrugada ou à noite), o que representa também desconforto para os moradores vizinhos.

A falta de vegetação provoca compactação do solo e a consequente degradação. Os moradores das localidades destinam lixo de forma inadequada, dentro de cavas abertas com a extração da argila. É possível encontrar estofados inutilizados,

garrafas plásticas, pneus, lixo orgânico, dentre outros. O lixo dificulta o processo de drenagem da água e da recuperação das cavas. Esses problemas resultam em grandes impactos ambientais, já que o esgoto entra facilmente em contato com as cavas, servindo para a proliferação de doenças e acaba interferindo no equilíbrio natural dos solos da região.

A construção de moradias próximas da jazida de argila é inadequada. Primeiro, porque é uma área sujeita a inundações; segundo, as residências não possuem um sistema de saneamento básico adequado. Ou seja, as fossas sépticas foram construídas dentro da região de lagoas, podendo contaminar mais ainda o solo. Algumas famílias criam animais domésticos para alimentação, como porcos, gado e galinhas, que convivem em meio ao lixo lançado no local. Uma grave consequência ambiental, resultante do processo de mineração.

Por alunos do 7º Ano e 8º Ano A, matutino.

## ONDE EU VIVO

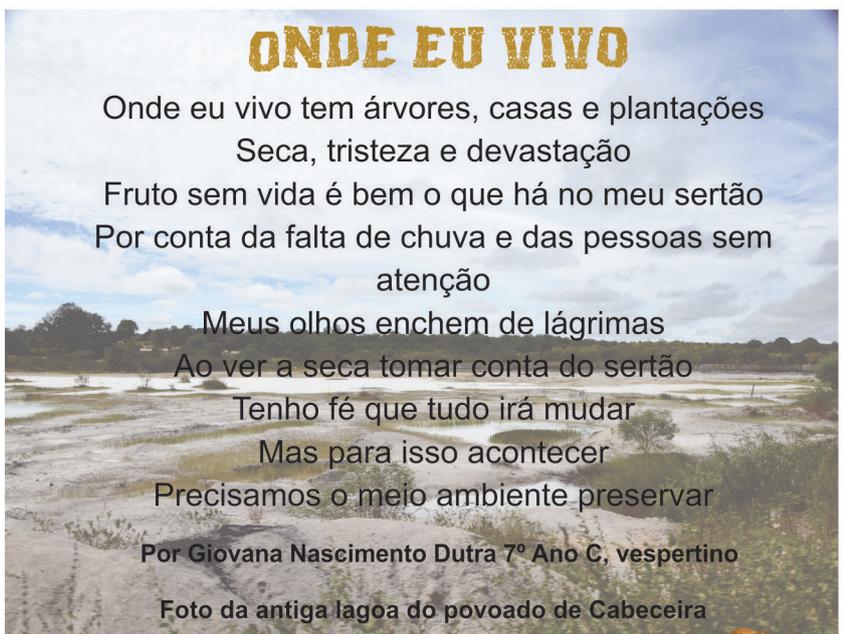
Onde eu vivo tem árvores, casas e plantações  
Seca, tristeza e devastação  
Fruto sem vida é bem o que há no meu sertão  
Por conta da falta de chuva e das pessoas sem  
atenção

Meus olhos enchem de lágrimas  
Ao ver a seca tomar conta do sertão  
Tenho fé que tudo irá mudar  
Mas para isso acontecer

Precisamos o meio ambiente preservar

Por Giovana Nascimento Dutra 7º Ano C, vespertino

Foto da antiga lagoa do povoado de Cabeceira



**Cabeceira, Caiçara, Itapirema, Lagoa de Justino, Periperi e Vereda** estão localizados na zona rural de Vitória da Conquista-BA. Esses povoados têm vários danos ambientais em comum. Grande parte deles é fruto da extração excessiva de argila para fabricação de tijolos que, ao longo dos anos, tem causado prejuízos ambientais para todas as regiões. A extração da argila envolve o desmatamento da vegetação nativa e derrubadas de árvores nas proximidades dos lagos, causando danos significativos ao ar e ao clima.

Outro aspecto em comum dessas regiões e prejudiciais ao meio ambiente são as fossas, esgotos a céu aberto e a queima dos tijolos, prejudicando o ar e trazendo problemas respiratórios. Todo esse processo é feito nas proximidades de rios e lagos, prejudicando os lençóis freáticos.

No entanto, é preciso salientar que os problemas mencionados não são frutos de um simples descaso, mas sim, em grande parte, de uma necessidade da comunidade, que não dispõe de muitas alternativas. Mesmo prejudiciais, as fossas são a única saída para a comunidade, já que não há saneamento básico.

Por Falbert Talles, Joice Batista e Rafael Jesus (9º Ano A, matutino)



Povoado de Caiçara



Povoado de Itapirema



Povoado de Caiçara



Povoado do Sto. Antônio



Povoado de Periperi

O lugar de onde eu vim se chama **Baixa do Muquém**. Lá tem uma igreja, uma escola, poucas casas e um lago que até pouco tempo estava vazio. Mas, depois das últimas chuvas, encheu novamente. Sobre a natureza, não tem muita poluição. Às vezes, os carreteiros jogam lixos nas estradas, mas os moradores estão sempre limpando.

No povoado tem plantações de feijão, milho, pé de pinha, umbu, manga, entre outras variedades. Havia também uma árvore alta, grande e antiga. Meu vizinho a derrubou. Segundo ele, a árvore não poderia ficar no local porque, como estava construindo uma casa, ela poderia cair em cima da habitação.

Diante da situação do meu povoado, eu queria mais iluminação; uma praça para as crianças brincarem; uma padaria para comprarmos nossos pães. Queria coleta de lixo e mais árvores grandes e bonitas; lagos que nunca secassem.

Por Raquel Oliveira (6º Ano C, vespertino).

O **povoado Lagoa do Justino** leva esse nome porque antes aquele local era a fazenda do Sr. Justino. Lá tinha uma grande lagoa, mas as coisas mudaram. A lagoa ainda existe, mas o rio que passava por lá secou. Isso faz mais ou menos 50 anos. Antes só moravam os familiares do antigo dono. Com o passar do tempo, novas pessoas foram chegando e o que era uma fazenda se transformou em um povoado.

O principal problema do povoado é a falta de água, pois o riacho está seco. Os poços artesanais são de água salobra. Os tanques estão sujos, por isso não dá para serem utilizados no dia a dia. A água só serve para as plantações e animais.

Hoje, para suprir as necessidades do povoado, o Governo do Estado fez duas lagoas artificiais e faz a limpeza periódica da antiga lagoa. Foram feitas cisternas e caixas d'água para captação das águas da chuva, e a Embasa leva água tratada por meio de caminhões pipa. Mas, às vezes, a água é comprada, pois não dá para todos.

Não há coleta de lixo na comunidade, na maioria das vezes, ele é queimado ou enterrado. Os moradores do povoado de Justino não têm trabalhos fixos, vivem na sua maioria da agricultura e criação de gado. Hoje, com facilidade de transporte, uma parte da população vai para a zona urbana e Centro Industrial, em busca de trabalho.

**Por Mariana Santos, Lazaro Nunes, Yasmim Pinheiro, Débora Santos e Wanderlei Junior, Suzana Andrade, Daniele Moreira, Gabriela Silva, Carine Oliveira, Guilherme Silva e Carlos Vernale (Alunos do 9º Ano B e os alunos do 8º Ano B, vespertino).**

“O meu bisavô encontrou um tigre logo quando chegou aqui”. E, assim, o lugar onde eu vivo ficou conhecido como **povoado do Tigre** é o que conta Vitória Alvina que mora no povoado há 56 anos e nos falou um pouco sobre a história desse lugar. Antigamente, havia poucas casas e muito mato. Com o passar do tempo, foram chegando novos moradores e as famílias crescendo. A construção de novas casas provocou o desmatamento. Houve muitas mudanças nas nossas paisagens com a retirada da argila e a crescente desarborização.

Os moradores da localidade não tinham ocupação fixa e trabalhavam na roça. O abastecimento de água era por cisterna e o transporte era feito por carroças e carro de boi. Com o tempo, muitas coisas mudaram. Hoje já temos coleta de lixo, água tratada, transporte coletivo, o que facilitou o deslocamento e, assim, muitos foram trabalhar na zona urbana de Vitória da Conquista.

**Por Adriana do S. Pereira e Alana R. Souza (6º Ano A, matutino).**



Povoado do Tigre



# O LUGAR ONDE EU MORO

**Vereda Grande** é um povoado com cerca de mil habitantes. Por conta da pouca vegetação, há muita poluição, desmatamento, esgoto a céu aberto e construções em locais inadequados.

Existem cerca de 20 olarias no povoado, que produzem uma média de 1.500 tijolos por dia. As jazidas de argila estão se esgotando e as árvores são cortadas devido à extração de madeira para servir de lenha para as olarias. Atualmente, a única paisagem de Vereda Grande é composta por buracos.

Por **Laura Oliveira, Lara, Emilly e Iasmim** – 9º Ano A, matutino.



O Povoado de **Cabeceira** possui cerca de 4 mil habitantes. A localidade tem como principais atividades a fabricação de tijolos e o comércio local. As vegetações, junto com as árvores do povoado, foram acabando devido aos anos de extração de argila para a produção de tijolos e de lenha para a queima dos mesmos.

Por falta de matéria-prima, grande parte dos moradores está investindo em mercados, bares, salões de beleza e em fábricas de quebra-queixo, por exemplo. Em relação às fazendas, o investimento é na criação de cabras, porcos e galinhas. Isso quando não viram grandes loteamentos.

Por **Ádila Chaves, Adrielle Gomes, Rafaela Silva, Rafaela Carvalho, Lorena Barbosa, Janine, Júlia e Pablo** (9º ano A, matutino)





### Riqueza e destruição

A pedreira localizada no povoado de Santo Antônio, Vitória da Conquista-Ba, ocupa uma área de 500 metros de extensão e 25 metros de profundidade. Nessa área, onde é feita a extração, trabalham doze pessoas que fazem uma produção diária de 200 toneladas de britas. Todos os trabalhadores ficam devidamente equipados com botas, luvas, capacetes, máscaras, entre outros equipamentos de proteção.

A retirada de pedra natural da jazida é feita pela ação de explosivos. Também são executadas perfurações nas rochas, previamente calculadas e, em seguida, são realizados carregamentos com explosivos e posteriormente detonação. O carregamento do material detonado é feito com escavadeiras e caminhões basculantes, que transportam o material da mina até a britagem. O material é descarregado dentro do britador, no qual é triturado. Depois é submetido a processos de peneiramento e classificados por tamanhos. A rebitagem é composta por modernos britadores cônicos e peneiras vibratórias que selecionam e separam as britas em diferentes tamanhos e faixas granulométricas.

*Segundo as informações do gerente Bruno Silva Costa e do operador de máquinas Estelino Felix dos Anjos, esse processo produz: Brita 1 (19mm), Brita 01 (22mm), Brita 00 (9,57 mm), Brita 2 (25mm) e o Pó de Pedra (4,75mm).*

Após o processo de transformação de pedra em brita, ficam os resíduos, que é o pó de brita, muito utilizado na construção civil. Esse pó é prejudicial à saúde, podendo causar câncer de pulmão. Com tanta riqueza em mãos, os envolvidos esquecem a destruição que isso vem trazendo para a paisagem da região, que tem poucas árvores e uma vegetação que vem desaparecendo junto com os animais. Não sabemos, mas talvez daqui a trinta anos, onde pisamos hoje, se torne um deserto, um grande buraco.

Por Falbert Talles, Joice Batista e Samira da Silva (9º Ano A, matutino)

## Brincando de reaproveitar



Os brinquedos não estruturados são aqueles produzidos a partir de materiais que originalmente não tinham essa serventia, mas que nas mãos das crianças ganham nova roupagem e novo significado.

Não são encontrados em lojas, nem são fabricados nas indústrias. São paus, pedras, garrafas, papéis e outros materiais descartados que são reaproveitados e tornam-se brinquedos.

Em Cabeceira, esse trabalho é realizado desde 2015, incentivando os alunos a reutilizarem os materiais e construírem brinquedos que posteriormente são expostos no pátio da escola e, por fim, utilizados pelas crianças em brincadeiras e jogos.

**Turmas do 6º Ano (Entrevista com o professor Juarez Getúlio Costa Júnior – Educação Física)**

## Cortado de Palma

A palma forrageira é encontrada na caatinga e é um ingrediente importante na vida dos agricultores das localidades em torno de Cabeceira. Muitas pessoas não sabem que é possível cozinhar a palma, mas a gente compartilha a receita do cortadinho:

### Ingredientes

- 3 folhas de palma forrageira sem espinhos, picadinhas e bem lavadas
- 1/2 xícara (chá) de cebola picada
- 1/2 xícara (chá) de pimentão picado
- Cheiro verde e sal a gosto
- 1 tablete de caldo carne
- 3 dentes de alho amassados
- 1/2 xícara de óleo
- 2 xícaras de água



### Preparo:

O cortado de palma, na realidade, é um ensopadinho. No caso, usa-se a planta nova. Depois de limpa, é picada e aferventada com sal. Escorre-se e lava-se. Depois, a palma é refogada com os temperos. O gosto assemelha-se a um ensopadinho de vagem. Deixar cozinhar por cerca de 30 minutos e está pronto.

Por Selma Viana Amaral  
(cozinheira da Escola Municipal  
Francisco Antônio de Vasconcelos).

